

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BEATRIZ DE SOUZA FERREIRA
RITA DE CÁSSIA DA SILVA BEZERRA DE MENEZES
ROSIANA SOARES MARINHO

**Mães que caminham sozinhas: quais os impactos
psicossociais da maternidade monoparental**

RECIFE/2023

BEATRIZ DE SOUZA FERREIRA
RITA DE CÁSSIA DA SILVA BEZERRA DE MENEZES
ROSIANA SOARES MARINHO

Mães que caminham sozinhas: quais os impactos psicossociais da maternidade monoparental

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Flávia de Maria Gomes Schuler

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

F383m Ferreira, Beatriz de Souza.
MÃES QUE CAMINHAM SOZINHAS: quais os impactos psicossociais da maternidade monoparental/ Beatriz de Souza Ferreira; Rita de Cássia da Silva Bezerra de Menezes; Rosiana Soares Marinho. - Recife: O Autor, 2023.
37 p.
Orientador(a): Dra. Flávia de Maria Gomes Schuler.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.
Inclui Referências.
1. Maternidade. 2. Maternidade solo. 3. Romantizações. I. Menezes, Rita de Cássia da Silva Bezerra de. II. Marinho, Rosiana Soares. III. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 615

AGRADECIMENTOS

Agradecimento de Rosiana Soares Marinho;

Agradeço primeiramente a Deus pela longa jornada que tive até aqui, mas em especial a minha mãe que é mãe solo desde que descobriu as suas duas gestações e que sempre me apoiou a seguir meus propósitos. Agradeço a minha irmã caçula que é meu maior orgulho e minha grande fortaleza, minha avó e meus familiares por todo carinho e cuidado que tiveram comigo durante toda minha vida. Não posso esquecer de agradecer à minha companheira e ao meu irmão, Rodrigo, que já não se encontra entre nós, mas que sempre disse com orgulho, "Tu vai ser uma psicóloga arretada". Vocês são pessoas de suma importância em minha jornada acadêmica e de vida, vocês me direcionam e me inspiram para cada dia ser e fazer o meu melhor, todos vocês foram minha base sólida durante os cinco anos de curso, essa conquista é nossa, gratidão pelo apoio, sempre.

Agradecimentos de Beatriz de Souza Ferreira;

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram a chegar até aqui, o final dessa graduação: Deus, família e amigos. Principalmente a Deus e a minha mãe, que sempre priorizou os meus estudos, e com isso teve que batalhar muito para isso ser possível, batalhar como mãe solo, o qual é o tema desse trabalho que relata o quanto é difícil a vivência dessas mulheres. Sem isso eu não conseguiria chegar até aqui, e também com isso ter garra pra ir cada vez mais em busca dos meus sonhos e realizações das minhas metas.

Agradecimentos de Rita de Cássia da Silva B. de Menezes;

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui, a minha família e amigos que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado durante todo o processo da graduação. Dedico esse trabalho em especial ao meu pai que infelizmente não poderá estar presente na conclusão desse sonho, mas que enquanto em vida nunca deixou de me apoiar e encorajar a batalhar pelo que acredito.

RESUMO

Tradicionalmente, em um contexto familiar e social, o valor das mulheres só era de fato considerado no momento em que as mesmas adentravam no mundo da

maternidade. Por isso tem-se como objetivo geral aclarar sobre os impactos psicossociais que circundam maternidade solo, e toda problemática envolvida, trazendo objetivos específicos como relatar sobre a questão da maternidade solo, compreender a vivência das mães enquanto cuidadoras monoparentais e descrever sobre as romantizações acerca deste tema. Tendo revisão de literatura sistemática como metodologia. Para abarcar os resultados foram usados 28 artigos que se encaixam com essa temática e atendiam os critérios previamente definidos. Os resultados apontam que as mães solas sofrem grandes impactos psicológicos como ansiedade, depressão e alguns transtornos de humor. Por todo histórico patriarcal, e pressões sociais, que na atualidade reflete no fato delas terem maior dificuldade em vários âmbitos, como, por exemplo, dificuldade em conseguirem empregos ou um novo relacionamento.

Palavras-chave: Maternidade, maternidade solo, romantizações.

ABSTRACT

Traditionally, in a family and social context, the value of women was only really considered when they entered the world of motherhood. Therefore, the general objective is to clarify the psychosocial impacts that surround solo motherhood, and all the problems involved, bringing specific objectives such as reporting on the issue of solo motherhood, understanding the experience of mothers as single-parent

caregivers and describing the romanticizations about this theme. Using a systematic literature review as methodology. To cover the results, 28 articles were used that fit this theme and met the previously defined criteria. The results indicate that solo mothers suffer major psychological impacts such as anxiety, depression and some mood disorders. Due to all the patriarchal history and social pressures, which currently reflects the fact that they have greater difficulty in various areas, such as difficulty in getting jobs or a new relationship.

Keywords: Motherhood, solo mothers, romanticizing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 OBJETIVOS.....	07
2.1 Objetivo geral.....	10
2.2 Objetivos específicos.....	10

3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1 Maternidade	10
3.2.1 Maternidade monoparental.....	14
3.3.2 Romantização da maternidade.....	17
3.4.3 Impactos psicológicos da maternidade solo.....	20
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	29
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
5.2.1.A questão da maternidade solo.....	34
5.3.2.A vivência das mães cuidadoras monoparentais.....	35
5.4.3.As Romantizações Acerca Deste Tema.....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7 REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

De 2000 a 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciou que 10,5 milhões de famílias eram chefiadas e compostas por mães solo. (IBGE, 2011). De acordo com a mesma entidade de pesquisa, o número de mulheres que vivem nesse mesmo contexto somam 11,6 milhões.

Vale destacar que o termo mãe solteira é um termo arcaico e mal visto pelas mulheres e demais movimentos maternos e femininos, afinal, mãe não se define por estado civil. Segundo Ramos (2016), se o pai ou mãe, sendo cônjuge ou não, e não divide a criação de forma igualitária, meio a meio, a mãe passa a ser considerada solo no processo de parentalidade.

Dessa forma, para Nixon et al. (2016) família monoparental é definida como uma organização familiar, muitas vezes formada por um pai ou mãe, que podem estar inseridos em uma condição de separação, divorciados, viúvos ou até mesmo solteiros, e seus filhos. Em casos onde o pai é a figura ausente, a mãe passa a ser evidenciada assumindo sozinha a responsabilidade sobre o lar ou até mesmo dividindo com seus filhos, tudo que corrobora para a sobrevivência e cuidado da casa (CARLOTO, 2005; RAMOS, 2003).

Além de toda rotina exaustiva, ter que cuidar da casa, garantir educação, fornecer atenção que muitas vezes nesses casos é redobrada, considerando um contexto social onde pouco se tem auxílio de fora e uma rede de apoio, precisam dar tudo de si e criar seus filhos sozinhas, enfrentando diversos preconceitos, muito comuns principalmente ligados a reintegração no mercado de trabalho, ou ao tentar iniciar um novo relacionamento amoroso. Toda essa responsabilidade direcionada ao materno, está ligada inteiramente ao significado que o feminino tem na atualidade, com fundamento em todo desenvolvimento de subjetivação de gênero (BARRETO; BALANI, 2016).

Compreende-se que são fatores estruturais e históricos que ditam as identidades de gênero, divisão do trabalho a partir do sexo biológico, o

patriarcado, a ideia de que as mulheres nasceram para ser mães, que sua natureza deve ser de cuidadora e a única responsável pela organização e atividades do lar. Um dos grandes aspectos de fragilidade que é experimentada pela maior parte das famílias monoparentais é a desigualdade de gênero (SOUZA; PARRÃO, 2015) correlacionando a diferentes categorias sociais, tais como raça, geração e classe, torna-se extremamente necessário a compreensão dessas vivências nos cenários de pobreza (MOURA; BARBOSA; LIMA; VASCONCELOS; RAMOS, 2020).

Vários estudos mostram os efeitos subjetivos da maternidade solo, tais como as vulnerabilidades emocionais pelo acúmulo de responsabilidades que a mulher assume (CÚNICO; ARPINI, 2016); os sentimentos de mal-estar por se sentir em falta com os filhos e se culpabilizar (SOUZA; PARRÃO, 2015); além de acarretar condições emocionais como baixa autoestima, medos, anseios e fragilidades na busca por meios de sobrevivência para lidar com as condições de vida (PINTO et al., 2011).

Um dos maiores fatores que contribuem para o aumento de tais efeitos, únicos da maternidade, é a sua romantização. Segundo Borges (2020) essa romantização da maternidade gera as famosas expressões acerca da monoparentalidade feminina, dita como uma “mãe guerreira” e muitas vezes “pãe” (pai e mãe), mas descartam por completo a grande sobrecarga materna por ser a única responsável por tal cuidado. Em contrapartida desse romantismo, os estudos apontam a sobrecarga materna devido à ausência paterna, sendo a mãe a maior responsável no processo de desenvolvimento e cuidado dos filhos, dando conta de inúmeras jornadas desgastantes de trabalho, também não conseguindo achar empregos que paguem bem, e ainda tendo que suportar as condições precárias de vida (BRITO, 2008; et al.).

Na rotina dessas mulheres, como pontua Biroli (2018) os desafios e obstáculos na luta para criar os filhos em tais condições de vulnerabilidade, não acarreta apenas em superação e solidariedade, mas também em um grande sofrimento por parte delas.

Assim, pode-se ver que, o que tem sido exposto até aqui reforça as estimativas de que as mulheres que são mães solo, são ainda mais vulneráveis à condição de pobreza (AZEVEDO, 2010; SCARPELLINI; CARLOS, 2011; SOUZA; PARRÃO, 2015), uma vez que a condição de gênero, a responsabilidade pelas atividades doméstica, pelo cuidado e educação dos filhos sem uma rede de apoio e proteção social, sem acesso a um trabalho e salário dignos, potencializa ainda mais a condição de vulnerabilidade, restando à mulher se tornar dependente de benefícios providos pelas políticas de assistência social disponibilizadas pelo governo (CARLOTO, 2005).

A partir do que foi exposto, o presente trabalho justifica-se através de como a maternidade solo afeta a saúde mental de mães biológicas e suas relações sociais. Nesse contexto o presente trabalho tem como objetivo geral: aclarar sobre os impactos psicossociais que assolam a maternidade solo e toda a problemática e sua romantização; e com objetivos específicos: relatar sobre a questão da maternidade solo; explicar a vivência das mães enquanto cuidadoras monoparentais e descrever sobre as romantizações acerca deste tema.

Diante disto se revela a importância de estudos, pesquisas, mudança de leis acerca de toda essa temática devido ao seu nível de complexidade, tendo em vista que se trata de algo construído historicamente e que se perpetua atualmente, sendo extremamente difícil de se modificar, pois, começa-se a introjetar nas mulheres desde muito pequena a ideia da maternidade, se prolongando ao longo da vida.

Portanto, a presente pesquisa qualitativa, que terá seu arcabouço através da pesquisa documental em sites científicos e acadêmicos, sites, livros e revistas, visa explicitar e corroborar com a temática das mães solo, acontecimento que é a realidade de muitas mulheres, e com isso trazer um melhor entendimento, acerca dos impactos psicossociais, e também o desmistificar do processo de romantização dessa maternidade no qual estão inseridas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Aclarar sobre os impactos psicossociais que circundam a maternidade solo, e toda a problemática envolvida.

2.2 Objetivos específicos

1. Relatar sobre a questão da maternidade solo.
2. Compreender a vivência das mães enquanto cuidadoras monoparentais.
3. Descrever sobre as romantizações acerca deste tema.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Maternidade

Entende-se que o maternar tem seu início muito antes da gravidez de fato, diante das várias alterações psíquicas que ocorrem nesse início de construção da maternidade, é importante ressaltar alguns fatores que envolvem esse novo mundo, como diferentes atividades voltadas para esse universo em forma de brincadeiras na infância, parte da adolescência, sua construção de identidade no ambiente ao qual está inserida e o desejo de tornar-se mãe. (PICCINNI; LOPES; GOMES; NARDI, 2008).

Ao falar de maternidade pode-se definir de acordo com Scavone (2001) que: “[...] maternidade como um fenômeno social marcado pelas desigualdades sociais, raciais/étnicas, e pela questão de gênero que lhe é subjacente”. Também é possível dizer que a maternidade na sua forma tradicional é envolta consanguineamente pela mãe e filho, tendo o afeto, amor, acolhimento e cuidado por parte da maternagem (MAYUMI; OSIS; MAKUCH, 2014).

Entretanto, o modo como se fala sobre a maternidade como sendo um construto inerente e tradicional são crenças que acabam por tornar-se inacessível, mas de

acordo com a história essa ideia de maternidade não é tão antiga, o modo como é conhecida hoje onde se mostra uma mãe que faria tudo por sua cria, que ama incondicionalmente, e mostra toda uma devoção nesse trabalho da maternidade, não se aplicava a como era antigamente, pois esse ideal de mãe não era forte, porque os cuidados com os filhos de mães da alta classe social era terceirizado a outras mulheres menos favorecidas. (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

Ainda segundo Azevedo e Arrais, (2006) *apud* Forna (1999) cita que esse modelo maternal começou após o texto de que teceu críticas sobre mães que não amamentavam nem criavam de fato seus filhos, dando para as amas-de-leite essa função. E indicava fortemente que as mães biológicas tomassem seu papel de amamentar e criar seus próprios filhos, fazendo com que as que não fizessem isso fossem muito criticadas.

Percebe-se que a maternidade é investigada por várias áreas que estudam o homem, mas nenhuma consegue responder completamente todas as suas questões complexas, mostrando que é difícil até para essas áreas explicarem sua dinamicidade. E assim como aborda Leal (1990) a maternidade vem como uma cena de fundo para a dinâmica de um determinado tempo histórico, e que certos padrões culturais onde uma qualidade de vida, infância e todas as coisas acerca dos deveres e direitos da cidadania mostra sua relevância de modo principal. Ademais, como Correia *apud* Kitzinger (1998) traz: “Basta-nos olhar para as diferentes manifestações do papel de mãe noutras civilizações para compreender que a Maternidade também é uma atividade multidimensional”.

Para entender certos aspectos da maternidade também é preciso olhar para seu contexto social, pois como pontua Correia (1998) a experiência vivida numa prática sócio-cultural, envolvendo diversas coisas como afetos e cuidados, que parte da singularidade de cada mulher no seu momento histórico, pois em relação às mesmas e a maternidade se tinham e ainda se tem mudanças diversas ao longo do tempo, e também sabendo que para diferentes civilizações a maternidade carrega consigo um significado, uma relevância e um peso diferente.

Então, ao decorrer da história a mulher manteve a função de gerar

descendentes, sendo esta característica, considerada por homens e mulheres como o dever feminino e exemplo de realização, atrelada ao cuidado com o lar e com todos os membros que formavam a família. Sobre isso, Leão, Porta, Pauli, Antoniazzi e Siqueira aponta que:

Historicamente a maternidade foi representada como ideal máximo da mulher e como elemento agregador necessário para a sobrevivência da família. A maternidade e o cuidado com o lar são, ainda hoje, valorizados socialmente como funções femininas inerentes à mulher (2017, p.2).

Além disso, segundo Badinter (2011) “Antes dos anos 1970, a criança era a consequência natural do casamento [...] a reprodução era ao mesmo tempo, um instinto, um dever religioso e uma dívida a mais para com a sobrevivência da espécie.” trazendo disso uma pressão sobre as mulheres em relação a sua contribuição no mundo.

E segundo Biasoli-Alves (2000) coloca que com a chegada do século XX pode-se ver mudanças em relação aos homens e mulheres em questão de seus valores individuais, a forma como se colocam diante a sociedade, e pelo menos as mulheres em classes sociais mais favorecidas conseguem um destaque maior nessa sociedade tão patriarcal, fazendo com que ao longo do tempo se tenha uma maior igualdade em relação aos homens no ambiente público ao menos. (BARBOSA; ROCHA; COUTINHO, 2007).

No entanto, mesmo com as alterações de valores, novas conquistas por parte das mulheres, e constituições de famílias atuais, a sociedade não deixou de cobrar dos corpos femininos o “dever” da maternidade, porém nem todas desejam ser mães de fato, e com o surgimento dos métodos contraceptivos, mais mulheres puderam optar ou retardar serem mães (BADINTER, 2011). Por esse motivo, as mulheres que não desejam ser mães são muitas vezes mal vistas e taxadas como incompletas e infelizes por tal escolha, mostrando que ser mãe não se trata de um desejo universal e muito menos constante, revelando assim a ambivalência da maternidade. (BATINDER, 2011).

Outro ponto relevante sobre o motivo desse adiamento da maternidade se dá ao fato de que muitas mulheres atualmente visam primeiramente fazer e se consolidar numa carreira profissional, viver seus melhores anos de vida, visando saber um tempo ideal para se ter filhos, pois a maternidade exige uma dedicação quase total nos primeiros meses de vida o que acarretaria um certo prejuízo na parte profissional na vida dessas mulheres. Ainda mais considerando o grande peso do que é ser mãe (BARBOSA; ROCHA; COUTINHO, 2007).

Há um modelo totalmente estereotipado do ser mãe, de forma a indicar a maternidade como sendo característica inerente ao corpo feminino, então se é mulher, logo deve ser mãe, chegando ao ápice de sua realização como ser humano, isto reforça, e mostra o padrão criado pelo patriarcado, que ainda continua a se perpetuar na sociedade, não importando idade, gênero ou seu grau de instrução. (FERNANDES, 2022) Esse mesmo modelo, patriarcal, ocasiona com que meninas, desde muito pequenas, tenham uma educação atravessada nesses estereótipos, que as indicam o que devem seguir para serem consideradas mulheres corretas e respeitadas. Para Grisci:

O que ocorre é que na infância, tendem a se estruturar bases sólidas de construção e diferenciação de gênero a serem reforçadas no decorrer da vida. A partir da infância nota-se que as intervenções se mostram mais sutis, mas nem por isso menos acirradas, em nível de cobranças quanto à execução desses papéis (GRISCI, 1995).

Através de certas brincadeiras consideradas “para meninas” na infância de muitas mulheres como brincar com bonecas representando bebês para serem cuidados, de casinha onde se tinha vários brinquedos imitando electrodomésticos, utensílios domésticos entre outros, remetendo o papel de ser mãe, e cuidadora do lar denuncia essa introdução na educação das mulheres. Tal como, o papel de cuidadora de irmãos mais novos, ou de outras crianças para ajudar em casa a depender da classe social (GRISCI, 1995).

Portanto, a maternidade traz uma série de questões muito complexas, envoltas de elementos para além do biológico, como, por exemplo, fatores históricos, sociais e psicológicos, mostrando cada vez mais como ser mãe é um processo árduo, que exige grande demanda de energia por parte da mulher-mãe. Segundo Badinter traz uma reflexão acerca dessa complexidade que é ser mãe:

Pôr um filho no mundo é um compromisso de longo prazo que implica dar prioridade a ele. É a decisão mais perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida. A sabedoria exigiria, pois, que ele pensasse duas vezes e se interrogasse seriamente sobre sua capacidade altruística e sobre o prazer que ele pode obter disso.

Diante de todo exposto, ainda segundo a mesma autora, é necessário que apesar de todas as pressões da sociedade e certas estigmatizações que um filho traz, se tenha uma vontade e força, muito grande para passar por cima disso tudo.

3.2 Maternidade monoparental

Mulheres que têm responsabilidade parcial ou total da criação de um filho, por algo circunstancial como o divórcio, ou ausência do parceiro ao descobrir a gravidez, ou por escolha devido a essas circunstâncias, ou até mesmo por decidir gerar um filho sem um homem para se vinculado a ela, assim são chamadas de mães solo (OLIVEIRA, 2019).

Por muito tempo era comum denominar as mães solo como “Mães Solteiras” por não estarem em um relacionamento conjugal, o fato de também ter esse termo unido ao seu estado civil, fazia que se revelasse uma contraposição às mulheres casadas, sendo essas por sua vez, possuidoras de um status social mais bem quistos perante a sociedade. (BORGES, 2020). Sobre essa questão relata Simone de Beauvoir:

A mulher casada é autorizada a viver a expensas do marido; demais, adquire uma dignidade social muito superior à da celibatária [...]. A maternidade, em particular, é-lhe, por assim dizer, proibida, sendo a mãe solteira objeto de escândalos. (BEAUVOIR, pág. 176, 1970).

Tendo relação da mulher com um relacionamento conjugal como fato primordial para a sociedade as discussões acerca da maternidade solo tem-se a necessidade de entender sobre a questão da configuração familiar.

Ao partir do termo família que de acordo com o Dicionário Online de Português é definido como:

Grupo de pessoas que partilha ou que já partilhou a mesma casa, normalmente estas pessoas possuem relações entre si de parentesco, de ancestralidade ou de afetividade.

Pessoas cujas relações foram estabelecidas pelo casamento, por filiação ou pelo processo de adoção.

Grupo de pessoas que compartilham os mesmos antepassados; estirpe, linhagem, geração (Dicionário português online).

Logo se retoma a ideia de uma modelo tradicional que seria de: pai, mãe e filhos. Sendo esse o considerado certo e ideal a ser seguido. Entretanto, o “modelo ideal” vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, trazendo assim novas configurações familiares, uma delas sendo as de famílias monoparentais onde a maioria é de mãe e filho, podendo ser denominada como mães-solo (FERNANDES, 2022).

De acordo com Lansford, Ceballo, Abbey e Stewart, (2001) as alterações demográficas mudaram as configurações familiares, mudanças essas tendo sido investigadas de diversas formas, sempre comparando resultados de famílias biparentais com as famílias monoparentais. Devido a isso vem se evidenciando uma crescente no número de famílias uniparentais, revelando uma quantidade maior nos casos em que a mãe se apresenta como progenitora responsável dessa família (MARIN; PICCININI, 2009). Ademais, ainda segundo Marin e Piccinini (2009) afirmam que “isso está ocorrendo em função tanto dos altos índices de divórcio quanto das opções de mulheres por terem um filho/a enquanto solteiras.”

Apesar da ideia da maternidade diferir em vários aspectos e civilizações, o que parece ser o denominador comum é o fato de que a criança gerada por essa mãe precisa de um homem para aceitá-la como seu filho, nem levando em consideração

se é o pai biológico ou não, revelando como o papel do homem se mostra “superior” até mesmo ao falar do materno (CORREIA, 1998). Tendo em vista a necessidade de reflexão sobre o papel do homem no materno, que de acordo com Correia (1998) traz a visão que:

Por outro lado, vivemos um momento de transição: estamos a tentar apagar do imaginário colectivo a figura suprema de Mulher/Mãe do passado (que, frequentemente, ainda nos assalta) para a substituir por uma outra que divide o espaço do nosso imaginário com um outro alguém – o Pai.

O homem dispõe de um lugar de certo privilégio em relação à criação de um filho, pois é atribuído às mulheres a maior parte de responsabilidades em relação aos cuidados e criação dos filhos, tendo muitas vezes que atrasar projetos profissionais, ou abandoná-los para se dedicar a isto, sendo isso devido a todo um histórico de uma sociedade patriarcal. Revelando que de forma histórica, diferente da criação das mulheres, onde muito novas são acometidas pelo dever de ser mãe, os homens não são atravessados pelo dever de serem pais e sim irem atrás de suas realizações profissionais e pessoais, em seu tempo, onde eles devem exercer sua masculinidade, obtendo força e poder. (MARQUES; SANTOS; DANIEL, 2022).

Então, assim como traz Mayumi, Osis, Makuch *apud* Araújo & Scalon (2005) em relação a essa participação atualmente o modo como ocorre é desigual, quando se fala de uma relação conjugal o homem se mostra muito mais presente no cuidado e forma de educar os filhos do que nas atividades domésticas, evidenciando que mesmo quando o homem está presente muitas vezes a balança dos deveres numa relação conjugal onde se tem filhos o peso maior recai sobre as mulheres.

No que diz respeito à ausência do pai, os posicionamentos evidenciam os sentimentos de angústia, tristeza e superação. Onde existe um desejo de que a figura paterna estivesse mais presente. Cúnico, Arpini (2014) trazem que essas mães sentem-se demasiadamente sobrecarregadas ao passo que os pais não cumprem suas funções para com os filhos, não apenas em relação à falta de ajuda econômica, questão muito comum na realidade brasileira, mas também como a ausência paterna nos assuntos afetivos e emocionais.

Sobre o fato de ser mãe solo e ainda conciliar a vida profissional, algumas mulheres relatam o cansaço gigantesco e a dificuldade por muitas vezes não terem com quem dividir o peso do maternar, onde se pode constatar o quão isso as tornam sobrecarregadas. Um sentimento de exaustão se faz presente por terem de exercer tantas funções no dia a dia, variados estudos retratam que na maioria das vezes os cuidados domésticos e dos membros da família ainda ficam sob responsabilidade feminina (VERZA; SATTLER; STREY, 2015).

As mães solo além de sofrerem por terem tantos afazeres para além da maternidade, muitas vezes sofrem com diversos preconceitos arcaicos, como, por exemplo, ter dificuldade em sua vida profissional, pois muitas vezes as empresas dão preferência às mulheres que não tem filhos, ou dificuldade na sua vida amorosa, onde não conseguem ter relações saudáveis e duradouras devido a um preconceito e machismo velado por parte de alguns homens que não querem firmar um compromisso só pelo fato da mulher também ser mãe (OLIVEIRA, 2019).

3.3 Romantização da maternidade

A romantização da maternidade faz parte de um constructo da sociedade, onde que por conta disso elevam os padrões em relação na maternidade, dificultando ainda mais o que já é árduo, colocando a mulher numa difícil posição que caso não alcance esse padrão pode sofrer consequências como impacto em sua saúde física e mental (MARQUES; SANTOS; DANIEL, 2022). Então, para iniciar, se faz necessário apresentar o que é a romantização da maternidade. Silva e Aranha trazem o seguinte conceito:

Romantizar quer dizer tornar o fato mais romântico, doce ou agradável. No universo feminino, podemos perceber falas como “parem de romantizar a mulher”, abrindo discussão para o fato de

que não somos diferentes dos homens: podemos falar alto, podemos não querer vivenciar o casamento e a maternidade. Então, ouvimos muito a frase: “Parem de romantizar a maternidade” como um pedido para que a sociedade mude o foco das matérias a esse respeito, ou que, pelo menos, admita que exista outro lado da maternidade que não aparece com frequência nas capas de revista (SILVA; ARANHA, 2020, p.68)

A imposição excessiva do materno, motivada por tanta pressão social, gera uma série de conflitos que podem afetar os pensamentos das mulheres. De acordo com TOURINHO (2006,), “ao mesmo tempo em que a sociedade lhes cobra amarem seus filhos incondicionalmente, muitas vezes elas não vivenciam dessa maneira. Em alguns momentos, sentem raiva de seus filhos, dúvidas e se culpam”.

A romantização dessa figura de mãe ideal está arraigada em nossa cultura, tal ideologia da mãe “perfeita e normal” é novamente trazida por TOURINHO (2006) ao apontar que a sociedade idealiza uma mãe extremamente paciente, forte e dedicada a todas as necessidades que seus filhos venham a apresentar.

Silva e Aranha (2020) voltam a evidenciar tais afirmativas ao pontuar as influências de, por exemplo, as imagens de mães em comerciais. Em grande parte, nesses comerciais, acontece a representação de mulheres com uma aparência muito bonita, realizadas e extremamente felizes com seus filhos; Já em contrapartida, outras mães que são retratadas fora desse pré-requisito são evidenciadas e tratadas muitas vezes como madrastas e vilãs, trazendo a ideologia de que estas jamais encontrarão sua felicidade.

Existe um grande paralelo ao que diz respeito a romantização da maternidade, que é embasada no mito do amor materno, no qual esse amor é evidenciado como sendo instintivo, inato ao ser e extremamente direcionado para as mulheres. Tourinho traz como evidência essa definição de amor materno quando diz que:

O conceito de amor materno foi assimilado de forma contundente, e

por muito tempo não questionável como se fosse uma situação “sine qua non”: mulher = matemar. Afirmava-se que a necessidade de maternagem é uma característica universal feminina, fazendo-a parecer um dom, um sentimento instintivo e estritamente biológico que todas as mulheres vivenciaram independentemente da cultura ou da condição sócio-econômica: preconcebido, pré-formado, esperava-se apenas a ocasião para exercê-lo, sofrendo-se quando a oportunidade tardava (TOURINHO, 2006, p. 8).

Badinter (1985) escreveu um livro totalmente voltado ao que diz respeito ao mito do amor materno dentro de sua pesquisa, e complementa que não existe um determinado comportamento materno universal, mas toda uma complexidade que parte tanto de questões individuais como externas à mulher.

Tal filósofa e historiadora francesa trouxe esses ideais por volta de 1985, ao passo que rebateu a relação entre instinto e o amor materno, ideal que permaneceu por muito tempo e ainda nos levou a crer e naturalizar esses comportamentos, dessa forma, o amor materno foi evidenciado como inalterável, não importando o ponto de vista ao qual o percebesse, nem mesmo importando época ou questões histórico-culturais; em contrapartida, BADINTER (1985) trouxe em sua obra que há divergentes maneiras de expressar o amor materno e que o mesmo não pode ser generalizado como sendo inerente a condição feminina.

Em resumo, a maternidade e esse romantismo da mãe perfeita estão correlacionados às construções sociais arraigadas e internalizadas nas mulheres desde sua criação e a construção de sua subjetividade, como, por exemplo, no que se diz a papéis sociais evidenciados como femininos.

Se faz necessário discutir acerca dessa romantização e mais ainda sobre desromantizar a maternidade solo, que ao falar de uma mãe heroína não se vê que a realidade é muito mais complexa e difícil, a mãe exerce diversas funções que cabem muito bem como profissão, a exemplo, cozinheira, babá, professora, empregada. Tudo isso em uma única pessoa que dificilmente possui uma rede de apoio. Portanto, não parece justo olhar para essa realidade e pensar que tudo não

passa de um filme de drama romântico onde, na verdade, encontra-se uma mulher sobrecarregada e exausta física e psicologicamente (VAZ, 2022).

3.4 Impactos psicológicos da maternidade solo

Para as mulheres os impactos psicológicos podem vir de diferentes formas e esferas, tanto questões biológicas, quanto sociais, e também a diferença do adoecimento psíquico devido ao gênero, tudo isso parece se intensificar ainda mais quando a mulher é mãe solo. (SANTOS; DINIZ, 2018). De acordo com pesquisas feitas por Andrade, Viana e Silveira (2006) revelou-se que as mulheres são mais acometidas por transtornos mentais, de humor e do comportamento, em relação aos homens, vivenciando ainda mais sintomas depressivos e ansiosos quando passam pelo período reprodutivo.

Experimentar sentimentos contrários à imagem idealizada da maternidade, ditada por uma sociedade patriarcal, pode ser bastante desafiador. Nessa direção, Carvalho, Schiavon e Sacco (2018) coloca que a imagem romantizada da maternidade intensificam a ideia de que as mulheres já nascem para ser mães, o que aumenta ainda mais as cobranças sociais sobre o papel da mulher na sociedade, gerando assim sofrimento psíquico e menosprezando todos os desafios vivenciados pelas mulheres durante a gestação, puerpério e maternidade como um todo.

Algumas das questões das mães é que muitas se veem frustradas quando se deparam com a maternidade real, fazendo com que sentimentos como angústia surjam diante de suas expectativas caídas em relação à maternidade. (MARQUES; SANTOS; DANIEL, 2022). Além disso, na maternidade se vê muitas ocorrências de transtornos mentais ligados ao puerpério, que inclusive estão presentes no CID-10, onde se encontra no capítulo de síndromes comportamentais ligadas a distúrbios fisiológicos e fatores físicos, onde podem ser denominados como doenças mentais ou por sistema nervoso central dificultando o puerpério. (Andrade; Viana; Silveira, 2006).

Durante o puerpério a mãe se vê diante de vários fatores estressantes, fazendo com que a mulher fique mais sensível, se sinta angustiada e confusa, tornando quadros como ansiedade e depressão comuns, principalmente se tratando do primeiro filho (RAPOPORT; PICCININI, 2011). Ainda segundo Rapoport e Piccinini acerca disso trazem que:

[...]mães experimentam uma ampla gama de sentimentos ambivalentes em torno da experiência da maternidade. Se por um lado sentem-se muito felizes e apaixonadas por seus bebês, também é comum que se sintam extenuadas e ansiosas. Alguns dos sentimentos depressivos podem ser decorrentes das experiências do período pós-parto, de situações revividas a partir do nascimento do bebê e/ou de características de personalidade destas mães.

Além das dificuldades no puerpério, as questões sociais, emocionais, e as mudanças físicas que a maternidade traz, causam grandes impactos na autoestima dessas mulheres, muito desses impactos recaindo sobre seu físico, pois elas veem seu corpo mudar ao longo de toda a gestação, podendo certas mudanças ficarem permanentemente, causando grande sofrimento psíquico. Ainda mais numa sociedade onde mulheres com maior poder econômico e influência demonstram um corpo escultural logo após a gestação, mostrando um lado irreal e minimamente acessível para ficarem assim, por isso é de extrema importância que se faça presença de um acompanhamento psicológico, ter esse apoio pode ser a chave para ao menos atenuar esses conflitos internos e externos. (SILVA; OLIVEIRA; BARROS, 2020).

Monteiro e Andrade (2018) destacam a importância do papel da psicologia para a compreensão das normas estabelecidas, acolhendo, promovendo espaços de escuta e apoiando a liberdade de atuação segundo o próprio discernimento, para que as mulheres não se sintam presas às pressões sociais que pode levar ao sofrimento. Além disso, trazer à reflexão que a construção de relações requer aprendizado, eventualmente incorrendo em erros, desmistificando que esta trajetória esteja isenta de medos e desenvolvendo caminhos possíveis para acertos.

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura sistemática, segundo Galvão e Ricarte (2019) e define-se como:

A revisão sistemática é uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos e busca dar alguma logicidade a um grande corpus documental. Este artigo apresenta os aspectos essenciais no desenvolvimento de revisões sistemáticas da literatura.

Para abarcar o conteúdo da presente pesquisa utilizou-se ferramentas disponíveis em artigos, livros e revistas a partir dos principais veículos de base de dados eletrônicos como: Scientific Electronic Library (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Google Acadêmico.

A pesquisa partiu de palavras-chave como: Maternidade, maternidade solo, família monoparental. Onde foram encontrados ao total 79 artigos, tendo sido usado os seguintes critérios: Livros e artigos que fossem disponíveis em português, sendo dos anos 2000 a 2022 (com algumas ressalvas do ano 1985 e 1998), e que fossem de acordo com o objetivo geral e específico deste trabalho. Com isso foram utilizados para o referencial teórico 28 artigos que se encaixavam com os critérios definidos previamente, sendo excluídos 51 artigos que não atendiam aos critérios antes mencionados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5. RESULTADOS

Para os resultados foram selecionados 28 artigos para a formação de uma tabela que abarca os critérios previamente estabelecidos, onde a mesma contém sobre seus autores, objetivos, resultados e considerações finais.

Autor	Ano	Título	Objetivo	Resultados	Considerações finais
ALT, M. dos S., & BENETTI, S. P. da C.	2008	Maternidade e depressão: impacto na trajetória de desenvolvimento.	Discutir o caso clínico de uma mulher em psicoterapia psicanalítica que apresentou um quadro depressivo grave no primeiro ano de vida de sua filha e reviveu esses sintomas quando ingressou na puberdade, movimento que demandou ajustamentos na função parental.	Destaca-se a importância das vivências maternas com suas próprias figuras parentais, as vivências traumáticas na trajetória de vida e a depressão materna no período do puerpério.	Considera-se necessária a ênfase no acompanhamento de crianças cujas mães tiveram episódios depressivos graves no primeiro ano de vida do bebê, assim como o acompanhamento da própria trajetória materna em face do desenvolvimento de seus filhos.
ANDRADE, L., VIANA, M., & SILVEIRA, C.	2006	Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher.	A conscientização de que os transtornos mentais representam um sério problema de saúde pública	Mulheres apresentam maiores taxas de prevalência de transtornos de ansiedade e do humor que homens, enquanto estes apresentam maior prevalência de transtornos associados ao uso de substâncias psicoativas, incluindo álcool, transtornos de personalidade antissocial e esquizotípica, transtornos do controle de impulsos e de déficit de atenção e hiperatividade na infância e na vida adulta.	Diferenças de gênero na incidência, prevalência e curso de transtornos mentais, assim como na apresentação clínica e na resposta terapêutica, têm sido extensivamente demonstradas por estudos epidemiológicos.
BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA, Maria Lúcia.	2007	Maternidade: novas possibilidades, antigas visões	Melhor entender como as mulheres estão encarando a maternidade, bem como a opção de adiá-la e/ou não ter filhos.	Os resultados apontam para o fato de que, apesar de novas possibilidades terem se aberto para as mulheres, antigas visões, como a de que	Diferentes possibilidades começam a se abrir às mulheres de hoje. Um longo caminho, contudo, ainda necessita ser percorrido para que antigas visões que sempre

				a realização de uma mulher passa obrigatoriamente pela maternidade, ainda prevalecem no discurso social.	constrangeram as escolhas femininas sejam de todo erradicadas.
BARRETO, Danielle Jardim; BALANI, Carolina de Lima; BRAZ,	2016	Problematizações entre a dinâmica familiar preconizada pela Assistência Social brasileira e a família monoparental feminina.	Compreensão do modelo de família monoparental feminina, ou seja, famílias chefiadas por um único membro do gênero feminino, realizando uma problematização com a noção de família, na qual a política pública de Assistência Social se pauta no exercício de suas ações.	Em uma realidade familiar monoparental feminina, na qual a dinâmica familiar difere das famílias nucleares tradicionais, a política nacional de Assistência Social precisa considerar novas formas de exercício da dinâmica familiar, que não essas tradicionais, e contribuir para a desconstrução de discursos sedimentados que atravessam suas práticas.	Em suma, a política de Assistência Social contribui com esse trabalho para que essa visão machista de que se essas famílias não estão adequadas ou bem, é porque são administradas por uma mulher e porque lhe falta um homem. É uma política da norma, que saiu da norma de modelo familiar, mas não saiu da norma nas expressões tradicionais de família.
BIASOLI-ALVES, Z. M. M..	2000	Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX.	Analisar as mudanças e continuidades no papel da mulher, principalmente no contexto familiar brasileiro, com base em dados de pesquisas realizadas na região sudeste.	Os resultados enfatizam a nova forma de a mulher ser considerada. A imagem de ser frágil e necessitado de proteção, sob o domínio dos sentimentos, atuando na intimidade e presa aos cuidados com a prole, ganha outros contornos, fazendo dela um ser em construção, na busca de seu desenvolvimento e realização de potencialidades.	Por esta razão (e outras) é que não se pode responder afirmativamente à questão: Aconteceram só rupturas? Obviamente não há muitas continuidades a serem consideradas. Os valores que os mais velhos cultivaram e buscaram imprimir nos seus filhos e netos estão ainda presentes, hoje, mesmo que sob outras "roupagens". Tais continuidades ocorrem, mesmo que se tenha observado que a imagem da mulher, "ser frágil e necessitado de proteção, sob o domínio dos sentimentos (do nervosismo), atuando na intimidade e presa aos cuidados com a prole, ganha outros contornos que fazem dela um ser em construção, na busca de seu desenvolvimento e da realização de suas potencialidades"
BIROLI, Flávia	2018.	Gênero e Desigualdades: os	Resumir e apontar o lugar da mulher na	No espaço doméstico,	Pensar na desigualdade de gênero e associá-la ao

		limites da democracia no Brasil.	família e as relações de proteção social travadas nos espaços onde a pobreza é condição	essas mulheres, ao assumirem a identidade de mães, se tornam as principais responsáveis por prover e cuidar de sua família e, mesmo habitando espaços desiguais, criar alternativas constituindo redes de apoio e proteção para driblarem as inseguranças sociais.	fenômeno da pobreza implica o questionamento de um contrato sexual truncado que, por sua vez, estabelece oportunidades desequilibradas e injustas, conferindo à mulher responsabilidades cada vez maiores, para cuidar e prover sua família.
BORGES, L.	2020	Mãe solteira não, mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina.	As mães solo na sociedade contemporânea, levando em consideração a depreciação histórica dessas mulheres pelo simples fato de serem mães e não integrarem um relacionamento matrimonial.	Foram levantados diversos dados estatísticos que revelam mudanças expressivas no padrão social e consequentemente na sua dinâmica relacional dos indivíduos. Contudo, como restará demonstrado, também apontam a disparidade de gênero em relação a questões ao trabalho de cuidado com os(as) filhos(as), posto que as atividades que envolvem educação, criação e socialização destes são desempenhadas majoritariamente por mulheres, alertando para a naturalização do abandono paterno.	Não restam dúvidas que apesar das normas garantidoras de direitos, as mães solo enfrentam diversas formas de discriminação, desde o fato de não estarem inseridas em um relacionamento conjugal que decorre dos resquícios de uma sociedade machista e patriarcal, até questões que impactam sua vida na prática e de forma cotidiana.
CARLOTO, C. M.	2005	A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza.	identificar, conhecer e analisar o perfil socioeconômico das famílias monoparentais chefiadas por mulheres em situação de extrema pobreza, definimos como universo da pesquisa as mulheres atingidas pelo Programa Bolsa-Escola Municipal.	Os dados compilados a partir do cadastramento mostraram que 38% das famílias beneficiadas são monoparentais, tendo a mulher (com exceção de uma família) como responsável pelo domicílio.	Finalizando, as propostas de políticas públicas de combate à pobreza devem considerar que a condição de vulnerabilidade destas mulheres está marcada pela condição de gênero, classe e etnia, exigindo como afirma Fraser (2002) um olhar bifocal que contemple a dimensão da distribuição e a dimensão do reconhecimento/status.

CÉSAR, R.C.B.; LOURES, A.F.; ANDRADE, B.B.S.	2019	A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher	Ser demonstrada a romantização da maternidade como origem de uma culpabilização da mulher mãe e não-mãe, apontando para o fato de que as mulheres desenvolvem um sentimento de culpa, proveniente das Afiliação das pressões sociais impostas pela sociedade machista e patriarcal.	São inúmeras as pressões sofridas pelas mulheres ao longo dos anos, uma vez que estão inseridas em uma sociedade patriarcal e machista. Algumas concepções acerca do ser mulher vem sendo produzidas e reproduzidas pela sociedade, no sentido de instituir o processo de subjetivação feminino como uma essência, algo natural que existisse em todas as mulheres e que não pode ser negado. Entre tais essencialismos, está a maternidade.	Nesse contexto, é necessário repensarmos a maternidade enquanto construção sócio-histórica e cultural, potencializando o enfrentamento de um discurso que traz a mesma como um dom natural às mulheres. Dessa forma, toda a de experiências é respeitada e valorizada, sendo um direito da mulher viver a pluralidade conforme seu próprio desejo.
CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPIN, Dorian Mônica.	2014	Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família.	Compreender as concepções de família trazidas por mulheres chefes de família de periferia urbana, bem como identificar como as mães entendem seu lugar nesse contexto familiar.	Os resultados apontaram para uma sobrecarga devido ao acúmulo de funções e certo apego ao modelo nuclear de família, gerando sentimentos de fragilidade e insatisfação entre as mães entrevistadas.	Nesse sentido, destaca-se a importância da realização de intervenções que deem conta das questões que se apresentam após o fim do relacionamento amoroso, em especial quando se trata de famílias de periferia urbana, as quais representam um número expressivo da realidade brasileira.
CÚNICO, S. D., & Arpini, M. D.	2016	Significados de paternidade em famílias monoparentais femininas.	Conhecer os significados atribuídos à paternidade por mulheres chefes de família.	Os resultados indicaram, de modo geral, a coexistência de concepções tradicionais e modernas no que se refere aos significados atribuídos à paternidade.	Ademais, evidenciou-se uma tendência a ampliação do modelo de paternidade, no qual o pai, além de provedor da família é reconhecido por sua presença e afetividade, resgatando a sua importância no ambiente familiar.
FERNANDES, Priscila.	2022	Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo.	Foi compreender como vivenciam a experiência de conduzirem uma família sozinhas; como relacionam a experiência de	Grande parte das entrevistadas relatou sofrer preconceito diante da sociedade atual que ainda julga mulheres que são mães e que não	Apesar dos grandes desafios da experiência das mães solo, observa-se o processo de resignificação pelo qual passam muitas mulheres diante das cobranças e julgamentos

			serem mães solo com a atividade profissional e seus possíveis relacionamentos amorosos. Procurou-se também refletir sobre os motivos dos olhares negativos em relação a este tipo de família monoparental e transformações importantes a serem realizadas a este respeito.	possuem um relacionamento afetivo com o pai da criança. Diante do cenário, mães solas ainda sofrem preconceito e são julgadas, sem contar as dificuldades que sofrem no emprego, com frequentes problemas quando precisam se ausentar.	sociais; a valorização de sua autonomia e independência de fazerem suas próprias escolhas e traçarem sua própria história. Também, da importância de constituírem redes de apoio e solidariedade entre elas.
GRISCI, Carmem	1995	Mulher – mãe.	Investigar os modos e estratégias utilizados pela ideologia patriarcal para reproduzir relações de gênero em condições sócio-históricas específicas.	Os resultados desta pesquisa mostram-se concretamente dolorosos. Contudo, na dialética da vida, existem algumas saídas. Muitas coisas já estão sendo feitas. No âmbito das universidades, pesquisas, grupos de estudo e livros sobre gênero, são alguns exemplos. O que se evidencia como necessidade é que essas ações signifiquem, cada vez mais, ações coletivas, integradas ao mundo social como um todo. E que elas sirvam para denunciar as relações que acarretam algum sofrimento.	Diante do aflorar de resistências, as mulheres, de modo geral, são taxadas como aquelas que desempenham um papel piegas ou um discurso de vítima. Tal atribuição pode ser considerada uma forma simbólica de justificação da ideologia patriarcal, que assim rotula essas mulheres, no sentido de enfraquecê-las.
LEÃO, F; PORTA, D; PAULI, C; ANTONIAZZI, M; SIQUEIRA, A.	2017	Reflexões teóricas sobre maternidade e adoção no contexto da monoparentalidade feminina.	Discutir a monoparentalidade feminina constituída através da adoção.	Os resultados apontam que as mães solteiras por escolha têm aproximadamente 30 anos, possuem elevada escolaridade e estabilidade no mercado de trabalho, e não apresentam dificuldades em trabalhar e cuidar do filho adotivo.	As mães são vistas como “atípicas” e enfrentam problemas morais que envolvem o exercício da parentalidade sem um cônjuge. A ausência do cônjuge leva a uma maior proximidade com a mãe segundo os filhos. Finalmente, o apoio social, especialmente da família extensa, é esperado e necessário. Reflexões sobre a singularidade desse arranjo familiar são

					propostas.
MARIN, A.; PICCININI, C. A.	2010	Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura.	Visa apresentar as eventuais implicações de ser mãe solteira e como esta configuração familiar tem sido abordada pela literatura nacional e internacional.	Estudos têm mostrado que a criança pode se desenvolver sem prejuízos em lares de mães solteiras, mas em oposição a estes, parte expressiva da literatura aponta para as implicações negativas destas configurações, especialmente em relação às suas características sociodemográficas, psicológicas e sociais.	Por fim, é importante ressaltar que não há um único modelo de família que possa ser considerado como padrão familiar saudável. As necessidades das crianças podem ser supridas por uma variedade de rearranjos sociais. O que parece ser mais importante é que todos aqueles que contribuem para o desenvolvimento das crianças tenham recursos emocionais, sociais e materiais adequados para este fim.
MOURA, S. M. S. R. de ., & Araújo, M. de F.	2004	A maternidade na história e a história dos cuidados maternos.	Discutir a naturalização de conceitos e práticas relacionadas à maternidade e aos cuidados maternos, associando-se sua construção social às modificações pelas quais a família tem passado na Europa e no Brasil.	Enfoca-se a maneira como o discurso médico colaborou na promoção de novas formas de relação familiar pelo favorecimento de características específicas para o papel materno, destacando-se a participação tanto da Medicina quanto da Psicologia na instituição das novas configurações que os processos de subjetivação têm assumido na atualidade.	Essas mesmas questões podem, no entanto, ser capturadas pelo intenso processo de modelação, de instituição de valores, que tem no especialista um importante elemento para sua efetivação. O lugar do especialista não é, porém, uma determinação: podemos posicionar-nos de outro modo, fazendo de nosso trabalho uma oportunidade de criação e de ruptura com o instituído, um espaço de sua permanente desconstrução.
OLIVEIRA, Rafaela Pereira de.	2019	Singularidades da maternidade solo.	Acompanhar a trajetória das mães que criam os filhos sozinhas, e identificar quem são e como vivem essas mulheres.	Percebeu-se, ainda, que há uma diferença significativa entre a maternidade que compreende a relação mãe e filho, e a maternidade que a insere em outra posição na sociedade.	Fazer parte de uma sociedade machista, patriarcal e preconceituosa, modifica consideravelmente a experiência de maternidade para cada uma dessas mulheres.
OLIVEIRA, César Filipe da Silva; LOPES, Clarissa Maria dubeux.	2020	A dicotomia do ser: de mulher a mãe: As possíveis mudanças a partir da maternidade.	Foi investigar os sentimentos das gestantes sobre a maternidade, com destaque para a relação entre o período gestacional e a constituição da maternidade. Participaram do	Os três temas identificados nas entrevistas foram: a descoberta - o constatar da maternidade e suas implicações; mulher a mãe - as transformações da mulher ao tornar-se	Ao se descobrir grávida, a mulher também adquire uma nova identidade, o ser mãe. Como pôde ser visto a maternidade perpassa por várias mudanças e renovações, as mulheres trazem relatos pessoais, partem de suas vivências, daquilo que é ser mãe para

			estudo 39 gestantes primíparas, entre 19 e 37 anos, no terceiro trimestre de gestação.	mãe; e mãe a mulher - a vivência de uma nova mãe-mulher. A maternidade foi discutida a partir de variadas nuances e metamorfoses que a mulher pode vivenciar neste novo momento.	elas, sendo assim a maternidade é singular, da mesma forma que ser mulher também, cada uma vai passar por seus momentos de formas distintas. A maternidade acaba por permitir que as figuras femininas alcancem novos voos, mudando ou reorganizando seus planos, se reconhecendo a partir do ser mãe, além de renovar laços e descobrir novas formas de ser mulher mesmo sendo mãe.
PICCININI, C. A.; LOPES, R. S.; GOMES; A. G., & De NARDI, T..	2008	Gestação e a constituição da maternidade.	Foi investigar os sentimentos das gestantes sobre a maternidade, com destaque para a relação entre o período gestacional e a constituição da maternidade. Participaram do estudo 39 gestantes primíparas, entre 19 e 37 anos, no terceiro trimestre de gestação.	A análise de conteúdo qualitativa das entrevistas mostrou que as gestantes passaram por importantes transformações corporais, pessoais e interpessoais durante a gestação e vivenciaram intensos sentimentos em relação ao tornar-se mãe.	Pode-se pensar que no decorrer do período gestacional a mulher passa por diferentes mudanças, que interferem em seu mundo intrapsíquico e relacional. Altera-se significativamente a visão que ela tem de si mesma e de sua relação com o mundo.
PINTO, R. M. F., Micheletti, F. A. B. O., O. Bernardes, L. M. Fernandes, J. M. P. A. Monteiro, G. V., Silva, M. L. N. Barreira, T. M. H. M. Makhoul, A. F., & Cohn, A.	2011	Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social.	Conhecer a história e a dinâmica de famílias chefiadas por mulheres do centro de Santos; avaliar as condições de vida e de vulnerabilidade social em que se encontram as mulheres chefes de família; conhecer suas estratégias de sobrevivência para manutenção das famílias e os impactos na sua saúde e na do grupo familiar.	O que se desvelou, neste estudo, foram as manifestações da exclusão social na vida dessas mulheres, que já são oriundas de famílias pobres, também transfiguradas de seu papel protetor pela miséria física, psicológica e emocional.	A história delas mostrou processos de rupturas e continuidades, a fragilidade da população sob o efeito dos processos de vulnerabilidade e exclusão, revelando a condição feminina de mulheres em situação de vulnerabilidade social.
RAPOPORTI A., & PICCININI, C. A..	2011	Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê.	Investigar situações estressantes envolvendo a maternidade no primeiro ano de vida do bebê e o apoio social recebido.	Os resultados revelaram a existência de diversas situações estressantes e houve maior solicitação de apoio social durante essas situações, e quando este foi	Também consideramos fundamental que sejam desmistificadas algumas das ideias acerca da experiência da maternidade e do papel da mulher, tradicionalmente vistos somente nos seus aspectos

				recebido auxiliou as mães tanto do ponto de vista emocional como prático.	positivos, o que inviabiliza um cuidado mais próximo.
SANTOS, Luciana; DINIZ, R S Gláucia;	2018	Saúde mental de mulheres donas de casa: Feminista-fenomenológico-existencial.	Compreender as condições de saúde mental de mulheres donas de casa e os fatores geradores de adoecimentos decorrentes das relações experienciadas consigo mesmas (<i>Eigenwelt</i>), com o outro (<i>MitWelt</i>) e com o meio (<i>UmWelt</i>), a partir de uma perspectiva feminista-fenomenológica-existencial.	Os relatos revelaram também a visão incongruente que têm de si mesmo quanto ao trabalho realizado, uma vez que esse trabalho é marcado pela desvalorização social, pela invisibilidade econômica de sua prática reprodutiva, pelo não reconhecimento tanto dos familiares quanto da sociedade. Tudo isso gera em algumas participantes o desejo de estar em acordo com o modelo de trabalho produtivo que muitas mulheres vivem atualmente.	As participantes desta pesquisa, na qualidade de mulheres donas de casa, continuam limitadas pelas assimetrias de gênero e pela ideia de um "ser esposa e mãe" que forçam cobranças internas, e, muitas vezes, favorecem engessamentos e paralisias que limitam novas ressignificações e formas de construção do ser-no-mundo.
SOUZA, M. D. F., & Parrão, J. A.	2015	A chefia familiar nas famílias monoparentais em situação de vulnerabilidade social residentes no município de Presidente Bernardes.	Analisar as dificuldades existentes nas entidades familiares monoparentais que vivenciam situação de exclusão social, nas suas mais variadas formas e graus, bem como, levantar discussões em relação à insuficiência das medidas de proteção estatal destinada a esse tipo de arranjo familiar, compreendendo como panorama o município de Presidente Bernardes.	Diante dos elementos apresentados pôde-se constatar que a pobreza afeta de forma proporcional distinta os homens e as mulheres, mediante a baixa escolaridade, falta de qualificação profissional, as precárias condições de empregabilidade, os limites de pensão alimentícia, dentre outros agravantes.	Pôde-se considerar que a complexidade que envolve esses arranjos familiares está evidentemente ligada ao precário acesso e a insuficiência dos serviços públicos disponíveis, e que as particularidades das famílias monoparentais requer a existência de serviços de apoio amplos.
SCAVONE, L.	2001	Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.	Fazer uma reflexão sociológica das mudanças mais marcantes nos padrões e experiências contemporâneas da maternidade, com	É possível observar, em relação à família e à experiência da maternidade, que estamos vivendo um período de transição para a consolidação de um novo modelo de	Finalmente, cabe lembrar que alguns avanços nessa transição trazem consigo novos problemas; se a possibilidade de acesso às novas tecnologias conceptivas é um recurso tecnológico que reforça a

			base em estudos e pesquisas existentes, situando o debate teórico em torno desse processo.	maternidade, o qual tem como ideal a busca pela equidade na responsabilidade parental e cuja efetivação ainda está longe de ser alcançada em todos seus aspectos, já que ela pressupõe uma relação igualitária entre os sexos.	possibilidade de escolha (como costuma ser apregoado pelos seus defensores) ele cria novos impasses na realização da maternidade e nas relações familiares, cujas consequências sociais ainda são pouco debatidas, mas provavelmente estarão no foco das atenções dos estudos sobre família em futuro bem próximo.
TOURINHO, Julia Gama..	2006	A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade.	Fazer uma reflexão sobre o papel social da mãe, discutindo o conjunto de atitudes, comportamentos e sentimentos que são esperados que a mulher incorpore a partir do momento em que ela se descubre grávida.	Para evitar o adoecimento da família é necessário que haja debates acerca das novas posições e a flexibilização das rígidas divisões de trabalho entre o feminino e o masculino. E essa é a proposta deste trabalho: uma reflexão sobre a maternidade e uma possível reconfiguração de papéis já que se mulheres e homens desacreditarem a maternidade como uma vocação inata e romperem as barreiras impostas pelo mito, o futuro será uma sociedade onde não existirá mais trabalho exclusivo para qualquer um dos sexos.	“A maternidade é mais difícil de viver do que em geral se crê e que a todo-poderosa natureza não ou a mulher de armas suficientes para enfrenta-la” (BADINTER,1985; p. 353), a paternidade também é, e embora vejamos nos pais um renovado desejo de serem ativos na criação dos filhos, dividindo com as mães os cuidados com a criança, essa é uma tarefa árdua. É necessário, então, a família readaptar-se para redistribuir os espaços na criação dos filhos.
VAZ, Franciele Cristine Avelina.	2022	A(des)romarização da exaustão da mulher que é mãe solo no Brasil.█	Evidenciar por intermédio do método hipotético dedutivo em consonância com uma investigação empírica que as pessoas possuem uma visão apenas macroespacial, transformando em poesia o sofrimento de mulheres ao redor do mundo,	A finalidade desse excerto é evidenciar que a maioria das funções realizadas por estas mulheres são reconhecidas profissões, cada uma enquadrada num cargo distinto, qual seja professora, babá, cozinheira e auxiliar de serviços gerais, porém quando se trata das mães solo, é	Há uma discriminação que atinge as mulheres que possuem filhos no momento das entrevistas de trabalho, como se tal característica fosse fator incapacitante, as bases constitucionais de proteção aos Direitos das Mulheres não são trazidas para exercício no mundo real, faltam vagas para crianças nas escolas impedindo o exercício do direito

			sem importar com os inúmeros problemas trazidos por essa situação.	apenas “um filme de drama romântico” de uma mãe multifacetada, que quando transferido para a ótica da realidade encontramos uma mulher em regime de múltiplas jornadas de trabalho, realizando inúmeras funções, o que ocasiona a exaustão psicológica e física da mulher.	constitucional ao labor, ausência de políticas públicas eficazes de promoção da equidade de gênero a longo prazo.
VERZA, Fabiana; KATH Marli; STREY, Marlene Neves.	2015	Mãe, Mulher e Chefe de Família: Perspectivas de Gênero na Terapia Familiar.	Compreender como se organizam as famílias monoparentais chefiadas por mulheres e de que forma questões de gênero se atravessam nas intervenções em Terapia Familiar.	Os resultados indicam que o protagonismo feminino na condução de uma família envolve aspectos voltados à administração da vida social, afetiva e profissional das mulheres e é atravessado por questões de gênero.	Pode-se concluir, então, que estudos na área da Terapia Familiar e monoparentalidade se fazem necessários em função da relevância social do tema e frente às mudanças ocorridas nas famílias nas últimas décadas. É dever da Terapia Familiar e dos profissionais que a representam rever o seu potencial de aplicabilidade, uma vez que a prática terapêutica tradicional se limita apenas às famílias que procuram ajuda.

5.1 DISCUSSÃO

A discussão do presente trabalho aborda temas fundamentais em relação à maternidade monoparental, seus aspectos psicológicos, sociais e a romantização associada a essa experiência. O objetivo desta seção é analisar criticamente os tópicos explorados na pesquisa e destacar suas implicações na vida das mulheres.

5.1.1- A questão da maternidade solo

Borges (2020) traz em seu artigo que as dificuldades vividas pelas mães solo não é algo atual, e que por conta disso vários problemas se estendem e se intensificam para os dias atuais, uma das coisas que é citada no artigo trata-se da questão da discriminação por conta do estado civil da mulher, fazendo com que ela seja inferiorizada simplesmente por não ter um relacionamento matrimonial, isso traz grandes consequências como ser “mal falada” pela sociedade, ou ter problemas em se inserir no mercado de trabalho por ser mãe solo.

Além de Borges, Oliveira (2020) também traz sobre a dificuldade da realocação das mulheres no mercado de trabalho e ainda acrescenta outra dificuldade que é a de um novo relacionamento, mostrando que diversas são as questões vividas por essas mães em vários âmbitos de suas vidas. Atrelado a questão histórica de ser uma mulher e mãe solo trazida por Borges, outra autora como Grisci (1995) traz também uma noção biológica para essa problemática, pois ela elucida que ao ser mulher biologicamente e socialmente está relacionada a ser mãe, que por ser mulher sente um desejo e quase uma obrigação de ser mãe e ainda uma versão romantizada da maternidade, o que claramente não se configura como algo realístico.

Por muito tempo o papel da mulher enquanto mãe era de principal cuidadora, onde a mulher devia uma devoção total a maternagem, onde toda responsabilidade de cuidados, ensinamentos dos filhos e da casa caíam sobre a mulher, que novamente associavam isso ao fato de ser mãe, algo inerente da natureza feminina (MOURA, 2004).

Ademais, Oliveira (2020), traz sobre como ao longo dos anos as mulheres foram percebendo que suas vidas não precisavam ser somente sobre o maternar, que poderiam ir muito além principalmente no âmbito profissional, junto aos movimentos feministas pretendiam quebrar esse modelo patriarcal de que a mulher era apenas para cuidar do lar. Com isso Oliveira, Silva e Borges mostram um lado da mulher moderna multifacetada onde a mesma, dedica-se ao trabalho, aos filhos e a sua vida social, ainda assim sofrendo pressões sociais, trazendo uma sobrecarga para a mulher física e psicológica.

5.1. 2. A vivência das mães cuidadoras monoparentais

Compreender a vivência das mães enquanto cuidadoras monoparentais é fundamental para reconhecer os desafios, estresses e a resiliência que enfrentam nessa jornada. Uma mãe monoparental é aquela que assume a responsabilidade exclusiva de cuidar dos filhos, sem a presença regular do pai ou da mãe da criança. De acordo com Carter e McGoldrick (2001), mulheres têm o papel principal dentro de um sistema familiar. Em famílias monoparentais femininas, esse é acentuado e merece atenção, pois a sobrecarga com os filhos eleva o nível de estresse e afeta a todos os membros do grupo familiar.

A realidade de muitas mães incluídas no modelo de famílias monoparentais é composta pelo acúmulo de inúmeras funções e responsabilidades pertencentes à esfera doméstica, o cuidado com filhos e o provimento das necessidades dos membros da entidade familiar, tendo como consequência a sobrecarga das funções, em meio a tudo isso os desafios em conciliar o trabalho e vida familiar representado pela dicotomia de prover o sustento e também de ter uma maior participação afetiva na criação dos filhos. (CÚNICO; ARPINI, 2016);

É importante destacar que a situação de vulnerabilidade social em que está exposta grande parte das famílias monoparentais está ligada à desigualdade de gênero. Trata-se de uma discussão em torno da exclusão das genitoras desse modelo de arranjo familiar do mercado de trabalho, da precarização das condições de trabalho e o não acesso aos direitos sociais (OLIVEIRA, 2019).

As mulheres chefes de família monoparental enfrentam um quadro interposto por dificuldades referentes às necessidades mais básicas, como moradia e alimentação dos membros de sua família, acarretando às genitoras o sentimento de impotência, insegurança e aflição, visto que as mesmas não contam com as garantias e proteção social das políticas públicas, possuem uma frágil e quase inexistente rede

de apoio, o acesso aos recursos para o seu provimento é limitado (CARLOTO, 2005).

5.1.3. As romantizações acerca deste tema

É imperativo abordarmos a romantização da maternidade solo e trabalhar ativamente para desmistificar essa narrativa. Ao retratar mães solteiras como heroínas que conseguem facilmente desempenhar múltiplos papéis, corremos o risco de ocultar a realidade complexa e desafiadora que muitas delas enfrentam. Na verdade, essas mães frequentemente desempenham funções que poderiam ser vistas como ocupações em si mesmas, como cozinheira, babá, professora e empregada, enquanto muitas vezes carecem de uma rede de apoio adequada. Essa falta de suporte pode intensificar ainda mais a sobrecarga física e psicológica que experimentam (VAZ, 2022).

Portanto, é essencial que abandonemos a visão simplista e romântica da maternidade solo e encarar a realidade de forma crua e honesta. Isso não só permitirá compreender melhor os desafios enfrentados por essas mães, mas também pode impulsionar mudanças e políticas que ofereçam um apoio mais substancial a essas mulheres que desempenham um papel tão crucial na criação de suas famílias. (VAZ, 2022). A maternidade é uma experiência mais desafiadora do que geralmente se presume, e Badinter (1985) argumenta que a natureza não equipou as mulheres com todas as ferramentas necessárias para enfrentá-las com facilidade.

A imagem prevalecente dos sentimentos maternos inatos tem sido transmitida através das gerações, passando de mãe para filha por meio da troca de experiências, histórias e contos. Essa narrativa ressalta a dedicação extrema que se espera que as mães tenham para com seus filhos, muitas vezes levando essa dedicação ao extremo da renúncia em prol da preservação e sobrevivência da prole. Ela exalta as qualidades de uma "boa mãe" que deve estar disposta a sacrificar tudo por seus filhos. Mesmo nos dias atuais, esse discurso moralizador continua a cobrar

das mulheres amor e cuidados incondicionais para com seus filhos (TOURINHO, 2006).

Ao analisar o pensamento de Elisabeth Badinter (1985), nosso objetivo é destacar o oposto desse conceito arraigado. Badinter argumenta que o desenvolvimento do afeto não é algo inato e automático, mas sim algo que precisa ser cultivado por meio da proximidade física e emocional, conquistado na convivência e na intimidade das relações familiares. O amor materno não é inerente às mulheres, segundo Badinter; ele é um elemento adicional que não está garantido de antemão. Em vez disso, ele demanda esforço, cuidado e investimento por parte daqueles que estão envolvidos em qualquer relação amorosa, independentemente de ser uma relação mãe-filho ou qualquer outra. Em suma, Badinter nos lembra que o amor materno não é automático, mas sim uma construção que requer atenção e dedicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto neste trabalho pode-se ver e concluir que o tema mãe solo, vai muito além de apenas “ser mãe solo”. Pode-se pensar na mãe solo como a ponta de um iceberg, por baixo a muitas camadas a serem tratadas, uma delas é a dualidade do jeito como vivem e são tratadas aquelas mães que almejam e planejaram um filho e aquelas que foram mães por ventura do destino. Uma mãe solo que não escolheu ser mãe sofre por ter que lidar com a vida materna e todas as obrigações, responsabilidades e desafios que lhe cabe, além de questões internas como, por exemplo, ansiedades de como se realocar na carreira profissional, remorso de imaginar como seria sua vida se não tivesse sido mãe. Já a que escolheu ser mãe não deixa de ter seus anseios, como, por exemplo, se está sendo uma boa mãe, se fez a escolha certa, se ainda se vê como uma mulher e não só como mãe.

Apesar da dualidade, algumas coisas parecem ser o denominador comum, como a pressão que a sociedade põe sobre essas mulheres, a cobrança para serem mães perfeitas, e ainda se lembrarem de serem mulheres perfeitas, fazendo com

que essas mulheres idealizem algo irreal. Tudo isso traz grandes impactos psicológicos significativos na vida dessas mães. Como, por exemplo, medos e anseios, por comparação, pressão da sociedade, padrões inalcançáveis trazendo principalmente ansiedade e depressão. Mostrando que as mães principalmente a solo merecem ter seu lugar na sociedade de forma mais valorizada, respeitada, e sem romantizações irrealistas.

7 Referências

ALT, Melissa. dos S., e BENETTI, Silva. P. da C. Maternidade e depressão: impacto na trajetória de desenvolvimento. ***Psicologia em Estudo***, Maringá, v. 13, n. 2, p. abr./jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200022> Acessado em 13 de maio de 2023.

ANDRADE, Laura Helena, VIANA, Maria, e SILVEIRA, Camila. Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. ***Revista de Psiquiatria Clínica***, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/fjvW8JgthHDhGjhyDxyVRZj/?lang=pt&format=pdf> acessado em 10 maio 2023.

AZEREDO, Verônica Gonçalves. Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. ***Serviços sociais***, São paulo, n. 103, p. 576-590, 10 jul/set 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ytN3F4Y7zJJG7rn5NBbkHdG/?format=pdf&lang=pt2023> acessado em 10 maio 2023.

BADINTER, Elisabeth. ***Um amor conquistado: o mito do amor materno***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100012>> acessado em 06 maio 2023.

BARRETO, Danielle Jardim; BALANI, Carolina de Lima; BRAZ, Paulo da Silva. Problematizações entre a dinâmica familiar preconizada pela Assistência Social brasileira e a família monoparental feminina. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 2, p. 295-309, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 abr. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, 1. Fatos e Mito**. Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1970, p. 176

BIASOLI-ALVES, Zélia. Maria. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, Brasília, Vol. 16 n.3, p.233-239 Set-Dez, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300006> acessado em 06 maio 2023.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo, Boitempo, 2018.

BORGES, Lize. Mãe solteira não. mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, Bahia, n 1, 1-23. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872> .acessado em 06 maio 2023.

CARLOTO, Cássia Maria (2005). A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. **Revista Virtual Textos & Contextos**, Londrina. n 4, p 1-

17.ano.IV,dez.2005.Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/994/774> Acessado em: 7 de maio de 2023.

CÉSAR, Ruane Cristine; LOURES, Amanda ; ANDRADE, Barbara. romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro

Jul./Dez,2019.Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956/1342> Acessado em: 7 de maio de 2023

CORREIA,M de Jesus. Sobre a maternidade. **Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Análise Psicológica**, São paulo,XVI(3), 365-371. 1998 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.12/5739> Acessado em 6 maio de 2023.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPIN, Dorian Mônica. Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. *Aletheia*, n. 43-44, p.37-49, jan./ago. 2014. DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias** [livro eletrônico]. 4ª ed. São Paulo Editora Revista dos Tribunais, 2016 Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/5832.pdf Acessado em 6 maio de 2023.

CÚNICO, Sabrina Daiana, Arpini, Dorian Mônica. Significados de paternidade em famílias monoparentais femininas. **Revista Psicologia em Pesquisa**,10(2) | 40-48 | Julho-Dezembro,de,2016.Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/3970>

DICIONÁRIO online de Português. Acesso: 10/04/2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>

FERNANDES, Priscila Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo, **Repositório institucional UNESP**, São Paulo, fevereiro, 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/234377>>. Acesso em 21 de abril de 2023.

GALVÃO, Maria Cristiane.; RICARTE, Ivan Luiz. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: CONCEITUAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 6, n. 1, p. 57–73, 2019. DOI: 10.21728/logcion.2019v6n1.p57-73. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 18 maio. 2023.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 maio 2023.

GRISCI, Carmem Mulher – mãe. **Psicol.cienc. prof.** [online], Rio de Janeiro, v. 15, n.1-3, 1995. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100003 acessos em 06 maio 2023

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE (2011). Censo Demográfico 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/familias_e_domicilios/default_familias_e_domicilios.shtm acessos em 06 março 2023

LANSFORD, Jennifer; CEBALLO Rosario; ABBEY ,Antonia, e Stewart, Abigail .Does family structure matter? A comparison of adoptive, two-parent biological, single-mother, stepfather, and stepmother households. **Journal of Marriage and Family**, 62, 3, Michigan, 2001, Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3654654> acessos em 06 março 2023.

LEÃO, Flávia ; PORTA, Daniele; PAULI, Cassiele; ANTONIAZZI, Marina; SIQUEIRA,

Aline. **Reflexões teóricas sobre maternidade e adoção no contexto da monoparentalidade feminina.** Pensando famílias. [online], Porto Alegre, vol. 21, n 2, p. 45-59, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v21n2/v21n2a05.pdf> acessos em 06 março 2023;

Leal, I.. Gravidez e maternidade: Nota de abertura. **Análise Psicológica**, São Paulo, v.8, n.4, p365-366. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/2699> acesso em 06 março 2023.

MARIN, A.; PICCININI, C. A. Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, pp. 422-429, out./dez. 2009 Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2683>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MOURA, S. M. S. R. de ., e Araújo, M. de F.. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência E Profissão**, n 24(1), p 44–55. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006> Acessado em 06 de março de 2023

MOURA, J. F. M., Barbosa, V. N. M., Lima, A. A. S., Vasconcelos, F. F. P., e Ramos, T. O.. Interseccionalidade como estratégia metodológica: articulações entre gênero, raça e pobreza. , Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos. Fortaleza: **Imprensa Universitária**. Fortaleza, 2020. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53270/3/2020_liv_jppbarros.pdf , Acessado em 04 de fevereiro de 2023

NIXTON, E., Greene, S., e Hogan, D. (2012). Negotiating Relationships in Single-Mother Households: Perspectives of Children and Mothers. **Family Relations**, 61(1), 142- 156. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1741-3729.2011.00678.x> Acessado em 06 de março de 2023.

OLIVEIRA, Rafaela Pereira de. **Singularidades da maternidade solo**. Monografia (Jornalismo) - 2019, São paulo, 2019. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28999> Acesso em: 7 maio 2023.

OLIVEIRA, César Filipe da silva; LOPES, Clarissa Maria dubeux. **A dicotomia do ser: de mulher a mãe: As possíveis mudanças a partir da maternidade...** Tcc (Psicologia) - FPS, Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://tcc.fps.edu.br/jspui/bitstream/fpsrepo/908/1/A%20DICOTOMIA%20DO%20SER%20DE%20MULHER%20A%20M%c3%83E%20AS%20POSS%c3%8dVEIS%20MUDAN%c3%87AS%20A%20PARTIR%20DA%20MATERNIDADE.pdf> Acesso em: 13 maio 2023.

PICCININI, C. A.; LOPES, R. S.; GOMES; A. G., e De NARDI, T.. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. ***Psicologia Em Estudo***, 13(1), 63–72. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008> Acessado em 06 de março de 2023.

PINTO, R. M. F., Micheletti, F. A. B. O., O. Bernardes, L. M Fernandes, J. M. P. A. Monteiro, G. V., Silva, M. L. N Barreira, T. M. H. M. Makhoul, A. F., e Cohn, A. (2011). **Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social**. *Serviço Social e Sociedade*, 105, 167-179. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/WTL3xcZ4gctQxh3tfCTszMq/abstract/?lang=pt> Acessado em 06 de março de 2023.

RAMOS, M. (2003). **Modificações da instituição família: famílias uniparentais - produção independente**. In G. C. Groeninga, e R. C. Pereira (Orgs.), *Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma nova epistemologia* (pp. 287-298). Rio de Janeiro: Imago. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psa-99492> Acessado em 04 de fev. de 2023.

RAPOPORTI A., e ;PICCININ, C. A.. (2011). Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. ***Psico-usf***, 16(2), 215–225. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200010> Acessado em 13 de maio de 2023.

RAMOS, Helen. **Mães solo—que são o que comem onde vivem** | Hel Mother.Youtube. 23 de jun. de 2016 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=leCFUYGpt8s>. Acesso em: 04 de março 2023.

SILVA; Janaina, ARANHA, Maria de Fátima. **Pode uma mãe não gostar de ser mãe?** as controvérsias acerca do feminino. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, Luciana; DINIZ, R S Gláucia; **"SAÚDE MENTAL DE MULHERES DONAS DE CASA: UM OLHAR FEMINISTA-FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL."** Psicologia Clínica 30, no. 1 (2018):37-59. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/2910/291057851003/291057851003.pdf>> acessado em 10 maio 2023.

SOUZA, M. D. F., e Parrão, J. A. (2015). **A chefia familiar nas famílias monoparentais em situação de vulnerabilidade social residentes no município de Presidente Bernardes.** Comunicação apresentada no Encontro Toledo de Iniciação Científica - ETIC 2015 - Encontro de Iniciação Científica. Texto completo Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/4759>. Acesso em 06 de março de 2023.

SCAVONE, L.. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47–59. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004> Acessado em 06 de março de 2023.

TOURINHO, Julia Gama. A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. **IGT na rede**, Rio de Janeiro, v.3, n.5, p. 1-33, 2006. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/12>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

VAZ, Franciele Cristine Avelina. **A (des)romarização da exaustão da mulher que é mãe solo no Brasil**, Minas Gerais, ano 2022, v. 6, ed. 1,. Disponível em:<http://trabalhoscidhcoimbra.com/ojs/index.php/anaiscidhcoimbra/article/view/460> Acesso em: 7 maio 2023.

VERZA, Fabiana; KATH Marli; STREY, Marlene Neves. Mãe, Mulher e Chefe de Família: Perspectivas de Gênero na Terapia Familiar. **Pensando Famílias**, v. 19, n. 1, p. 46-60, jun. 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2015000100005 Acesso em: 7 maio 2023.